
- **A IMAGEM COMO ESPELHO**

Coordenador(a): *Guiomar Josefina Biondo*

Essa comunicação resulta das pesquisas do Grupo Texto /Imagem, a que propomos trabalhar com as linguagens criadoras de simulacros, centrado na obra de arte.

A IMAGEM COMO ESPELHO

Eliane Patricia Grandini Serrano (UNESP)

As considerações de José Saramago em *Manual de Pintura e Caligrafia* se mostram atemporais em relação aos inúmeros auto-retratos produzidos ao longo da história da arte.

Das pinturas rupestres à arte contemporânea, é possível observar os aspectos auto-referenciais inclusos na manipulação técnica de autores que ajustam o seu instrumental à produção de sentidos, onde a busca e o encontro consigo mesmo, auxiliam na busca e no encontro do outro no mundo, através de um processo de espelhamento.

Em um artigo escrito por Tadeu Chiarelli em *Arte Internacional Brasileira*, pode-se encontrar o que ele intitula de *Fotografias Contaminadas*; são descrições de fotógrafos contemporâneos que fizeram da fotografia um texto auto-retratista. Saramago e Chiarelli comungam de idéias semelhantes quando dizem que as imagens deixadas por artistas nos auto-retratos revelam uma ânsia narcísica do sujeito, em se mostrar nas diferentes metamorfoses sofridas pelo tempo e espaço que se encontram, revelando a individualidade física e psicológica através de representações verbais ou plásticas.

O auto-retrato pressupõe uma fragmentação do sujeito, já que ao se revelar ele atravessa um caminho mutilante, de acordo com Saramago o pincel funciona como um bisturi, mas e na fotografia? O que diz Chiarelli? Este cita a fragmentação: nas fotografias de Anna Bella Geiger, Rosângela Rennó, Rubens Mano, Hudson Júnior, ou nos poemas visuais de Leonora Barros, o objetivo é uma possível fusão entre o eu e o outro; porém a forma de relação que estabelecem com a máquina fotográfica ou com a máquina de escrever, constitui um reflexo diferente daquele Narciso, que imediatamente se reconhece e se perde nas profundezas do lago. Esta intimidade com o instrumental do trabalho situa-se em um nível corporal e performático fazendo com que a auto-referência se confunda com os resíduos de si mesmos, deixados nos diversos trabalhos.

A JORNADA DO HOMEM PELO TEMPO DO IMAGINÁRIO

Lino Marques Meyer (UNESP), Rosana Amador Ramos, Maria de Lurdes R. Mandaliti, Adriana Rufino da Silva

Este artigo de leitura de um texto filmico não verbal: *The Journey of Man - Cirque du Soleil*, tem como traço principal o imaginário que se firma como vetor dirigente da leitura. Para o procedimento argumentativo canalizamos a ambigüidade comunicativa textual através da psicologia, do próprio imaginário e da mitologia, retirando dos símbolos encontrados as interfaces das cenas e os significados. O Tempo e a mudança, são marcas que acompanham o ciclo da vida. A ambigüidade textual não se fecha nas considerações feitas, concentra-se também na estrutura da narrativa, pois nela o tempo e espaço unem-se a fim de marcarmos as mudanças e progressão das cenas, narrativa circular que se fecha sobre ela mesma. Os significados simbólicos do texto, relatam a jornada do homem através de manifestação dialética, seu desenvolvimento físico, sentimental e intelectual através do tempo, numa busca contínua.

A LEITURA DE MONTEIRO LOBATO NA TELEVISÃO

Pedro Luiz Padovini (UNESP)

Pretendemos nesse trabalho cruzar as leituras das vinhetas do programa de televisão “O Sítio do Pica Pau Amarelo”, adaptação da obra infantil de Monteiro Lobato, produzida para a televisão Globo em dois momentos distintos (1977 e 2000) analisando suas rupturas e continuidades em relação ao texto lobatiano. Essas leituras têm o embasamento teórico na Estética da Recepção de Hans R. Jauss e seu cruzamento com a formação de sentidos nas produções dos textos midiáticos.

AS INTERFACES DAS LINGUAGENS ENTRE: “O FILME INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, O PROCESSO DA CRIAÇÃO E A CLONAGEM HUMANA”

Marcos José Gomes Santana (UNESP)

No presente trabalho pretendemos desenvolver um estudo comparativo através do qual estabeleceremos um paralelo entre o filme “A I - Inteligência Artificial (2001)”, escrito por Stanley Kubrick e dirigido por Steven Spielberg, o “Processo da Criação” (Gênesis) e a “Clonagem Humana” - Eric Cohen (New American Foudation e Willian Kristol, diretor do Week Standard). No entanto, utilizaremos como referencial teórico a Estética da recepção de Jauss e Iser já que temos a intenção de enfatizar aspectos que circunscrevem o audiovisual: o filme e o verbal: os textos. Buscaremos, assim esclarecer sob a ótica da Estética da Recepção a interface existente entre ambas as linguagens, que através do estudo de cinco cenas selecionadas fragmentadamente do filme Inteligência Artificial, que apresentam um conteúdo adequado e suficiente para a realização da análise. O filme Inteligência Artificial retrata a realidade de um futuro indeterminado, motivo pelo qual, é remetido ao receptor a aceitação da possibilidade da criação de um “ser mecânico” cujas características físicas e emocionais possam torná-lo tão real com ações e reações tão perfeitas ao ponto de ser confundido com o próprio “ser humano”, ou seja, uma máquina completamente espelhada no homem. Este estudo que nos proporciona análise de diferentes linguagens, remete-nos a idéia de que há uma urgente necessidade de que se estabeleça uma ética capaz de rediscutir a relação: ciência e mercado na sociedade contemporânea.

IMAGEM - UMA LEITURA PARA A CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Rihab Abdel Hafiz Pacheli (UNESP)

O presente trabalho tenta demonstrar a manipulação de imagens documentais, fixas, ou em movimento - na linguagem fotográfica e cinematográfica - através de dispositivos semióticos, segundo Martine Joly, dispositivos técnicos, do aparato cinematográfico. Bem como de elementos provenientes dos contextos de produção, com o intuito de direcionar a pretendida interpretação por parte do leitor/espectador para uma consciência crítica. O trabalho segue, também a premissa de que o produto final - a própria imagem - resultado deste contexto de produção, vem a ser, segundo José Saramago, espelho, reflexo de seu produtor: “Quem retrata, a si mesmo se retrata”, segundo o qual toda obra é “o retrato, o auto-retrato, a autópsia, que significa, em primeiro lugar, inspeção, contemplação, exame de si mesmo”. As análises são de fotografias selecionadas das revistas *Veja-set/2001*, *maio/2004*, *Época dez/2001*, bem como cenas do filme “Platoon” de Oliver Stone e “Good Morning Vietnam” de Barry Levinson.

JOGO ESPECULAR: OBRA E CRIADOR

Guiomar Josefina Biondo (UNESP), Sônia de Brito (UNESP)

Este artigo é uma reflexão sobre o pintor que se torna modelo de si mesmo, fundindo obra e criador. Neste processo de criação, o jogo especular norteia a obra de arte, ao mesmo tempo em que serve de elemento estrutural para o pintor. Assim, a ênfase recai na função expressiva da linguagem, pois “fala” ou pinta a si mesmo e as funções poética e metalinguagem ajudam a construir o próprio referente.

Compõem o corpus do artigo Alex Flemming “Auto-Retrato”(1998); o poema de “I-Juca Pirama” de Gonçalves Dias (1843); Rodrigo Cunha “Velásquez” (2000) e Diego Velázquez “As Meninas” (1656).

Os teóricos que fundamentam este artigo são: José Saramago (2001), em “Manual de Pintura e Caligrafia” ao defender a tese que apesar de modelo, o retrato só vale o que o pintor valer. J. L.

Austrin “ Quand dire c'est faire” (1991) pois o pintor não fica no dizer, mas executa a ação ao se retratar, confirmando o conceito de simulacro quanto ao espaço e a ação para o exercício ou experiência.

Quanto ao uso das funções da linguagem Francis Vanoye (1990) completa a relação entre o pintor (emissor) e o referente (o próprio pintor). (Palavras chave: auto-retrato, Alex Flemming, Velázquez, simulacro, linguagem).

O DIÁLOGO ENTRE IMAGEM E TEXTO

Ivoneete Cabral de Oliveira (UNESP)

Este trabalho tem como objetivo mostrar o possível diálogo entre a linguagem cinematográfica e a linguagem verbal (imagem e texto) a partir da intertextualidade do filme A História Sem Fim: Inspirado no best seller de Michael Ende, A História Sem Fim do diretor alemão Wolfgang Petersen e o conto A Incapacidade de Ser Verdadeiro de Carlos Drummond de Andrade, apresentar os elementos de intertextualidade presentes em ambas linguagens, bem como a fruição do imaginário de Vincent Jouve, constatada em ambas linguagens(cinema & literatura). O corpus desse trabalho é perpassado pelos níveis de leitura abordados por Vincent Jouve no livro “A Leitura”. A leitura da imagem foi ancorada na estética da recepção de Iser e Jauss, A partir desse estudo comparado busca-se transparecer a importância de se despertar o imaginário, tanto nas crianças como nos adultos que é proporcionado tanto pela mídia como pela literatura. Palavras geram imagens, imagens geram palavras, assim as artes dialogam entre si e se completam mutuamente. A imaginação é essencial para a vida, torna-a mais leve, cria expectativas, nutre e fortalece o homem, encorajando-o a seguir em frente, enfrentar seus medos, superar obstáculos, quebrar barreiras.

O ESPELHO LABIRÍNTICO DE EGON SCHIELE E O REFLEXO DO OLHAR NIETZSCHINIANO.

Maria Luiza Calim de Carvalho Costa (UNESP)

Os auto-retratos de Egon Schiele revelam um olhar “humano, demasiado humano”, onde algo vivido ou sobrevivido é desnudado, explorado para o conhecimento. Suas auto-representações desvelam um eu divisível, que subverte a noção de indivíduo e desconstrói a tradição do auto-retrato como a representação da identidade individual. O eu e a alteridade, como o andarilho e sua sombra, revelam ora um narcisismo, ora uma descrença, um pessimismo romântico. Frente ao espelho o pintor parece se desconhecer, realiza seus auto-retratos a revelar a complexidade do eu, do não-indivíduo, mas do eu plural. Frente a seus auto-retratos, “ecce homo” propõe uma outra perspectiva de olhar sobre si mesmo. Egon Schiele se vê através de um espelho labiríntico onde reflete, como um caleidoscópio, em fragmentos, o olhar nietzschiano.

UMA LEITURA DA VINHETA DE ABERTURA DA NOVELA SENHORA DO DESTINO

Tania Maria de Araujo Palmeira Tripoloni (UNESP)

Este trabalho apresentará uma leitura da vinheta de abertura da novela Senhora do Destino, através das interfaces da linguagem, bem como estabelecerá relações dialógicas entre os planos sonoro, plástico e textual, fundamentando-se na estrutura do texto, isto é, no jogo de suas relações internas e reconstruirá o contexto necessário à compreensão do conteúdo, pois aquilo que vemos na TV como cultura de massa, tem subjacente um processo de criação estruturado no sentido que se alicerça no conhecimento acadêmico.